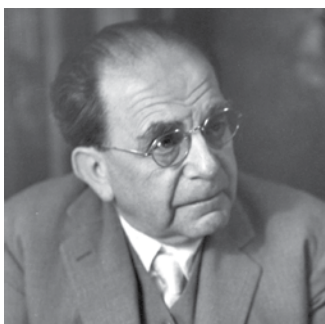


Sobre o sentido e o valor do trabalho da educação terapêutica

Karl König¹



¹Pediatra antroposófico austríaco (1902-1966), fundador do Movimento Camphill – comunidades terapêuticas internacionais para pessoas com necessidades especiais. Atualmente, de acordo com o Karl König Institut, há 119 comunidades Camphill em 21 países da Europa, América do Norte, África e Ásia.

Tradução de Rodolfo Schleier do original em alemão: Vom Sinn und Wert heilpädagogischer Arbeit. Camphill-Brief, Natal de 1965. Publicado com autorização dos Arquivos de Karl König (www.karl-koenig-archive.net).

A educação terapêutica, como hoje é chamada, designa e descreve um ramo relativamente jovem da atividade humana – ao contrário da arte de curar, que tem acompanhado o desenvolvimento da consciência da humanidade desde os primórdios da civilização como profissão e vocação. Desde os tempos primitivos da humanidade já havia médicos, sacerdotes e xamãs; mas não havia educadores terapêuticos até tempos recentes.

Não é fácil identificar o início histórico do trabalho educacional-terapêutico. Suas bases mais antigas estão fincadas no terreno da medicina. Assim o famoso médico Paracelso (1494-1541) foi o primeiro a advertir para a estreita ligação entre o bócio e a debilidade mental. Ao mesmo tempo começaram também as primeiras tentativas autênticas de educar e formar crianças com deficiência visual e auditiva (Ponce, Ammann).*

Porém o divisor de águas propriamente dito veio somente no decorrer do século XVIII. O trabalho educacional-terapêutico direcionado surgiu primeiramente na França, logo em seguida na Suíça e Alemanha. Em Paris o Abade de l'Épée** fundou a primeira instituição para crianças e jovens portadores de deficiência auditiva. Poucos anos depois, em 1778, Samuel Heinicke abriu uma escola similar em Leipzig. Quase ao mesmo tempo Valentin Haüy fundou os primeiros institutos de educação para deficientes visuais em Paris, Berlim e São Petersburgo.

Ao final desse mesmo século ocorreu então a inauguração da educação terapêutica propriamente dita pelos franceses Itard e Séguin. Itard acolheu uma criança encontrada por caçadores em uma floresta de Aveyron, que havia regredido à vida selvagem. Ele tentou reumanizá-la, o que conseguiu apenas em parte. O esforço e trabalho dispendido a este ser despertou nele o impulso para uma educação e tratamento de deficientes mentais. E assim sucedeu que ele abriu departamentos para crianças e adolescentes deficientes mentais em dois hospitais psiquiátricos de Paris, já famosos na época – em Bicêtre e em Salpêtrière. Juntamente com Ferrus e Bourneville, Itard fundou a educação terapêutica científica. Séguin foi seu aluno e levou o novo impulso para a América do Norte, estabelecendo lares voltados à educação terapêutica em Nova Iorque e Massachusetts.

* N.T.: *Ponce de Léon* (1520-1584): monge beneditino espanhol, considerado o primeiro professor de surdos na história; *Johann Konrad Ammann* (1669-1724): médico suíço e educador de pessoas surdas.

** N.T.: *Charles-Michel de l'Épée* (1712-1789): abade, educador filantrópico francês do século XVIII que ficou conhecido como “pai dos surdos”. Inaugurou a primeira escola de surdos do mundo e foi grande incentivador do uso da linguagem de sinais.

Na Suíça, Pestalozzi foi o primeiro a acolher crianças órfãs e abandonadas a fim de educá-las para se tornarem seres humanos plenos. Duas décadas mais tarde, o jovem estudante de medicina Johann Jacob Guggenbühl empreendeu uma jornada através dos Alpes, decidido a encontrar crianças deficientes mentais para nelas despertar a capacidade de aprender e trabalhar. Ele fundou em 1840 um instituto para deficientes mentais, muito reconhecido e admirado na época, em Abendberg perto de Interlaken.

Ali ele tentou conduzir – frequentemente com meios considerados não muito adequados e sem a perseverança suficiente – um lar educacional-terapêutico, que ao mesmo tempo funcionava como escola.

Nesse tempo surgiram iniciativas parecidas em toda a Europa. O destino dos menos dotados intelectualmente, dos deficientes mentais e físicos, pobres e abandonados cada vez mais passou a fazer parte da consciência social dos povos civilizados. E nós não devemos ignorar que o despertar de uma educação terapêutica científica e prática está estreitamente ligado às transformações sociais daquela época.

Em Paris, em meio às lutas e acontecimentos da Revolução Francesa, surgiram as primeiras iniciativas educacionais-terapêuticas. Em Stans e Burgdorf, Pestalozzi reuniu as crianças que haviam sido largadas à margem da vida pelas sangrentas ondas desta revolução. As vítimas da violência causada por ideais sociais mal compreendidos, foram acolhidas pelas mãos sanadoras de uma nova humanidade nascente.

Não importa se as aflições foram causadas pela doença, violência, malformação, abandono ou des-caso, todas elas entraram repentinamente no horizonte de cada ser humano que reconheceu o sofrimento e a miséria destas crianças. A educação terapêutica não ficou mais restrita ao campo das crianças com deficiências mentais ou retardo no desenvolvimento. Também nos lugares onde a vida das crianças é degenerada por problemas sociais, pobreza, incapacidade, miséria e ignorância, a educação terapêutica encontrou seu lugar. Por isso reformadores como Thomas Barnardo e Dom Bosco foram fundadores de escolas, institutos de educação e formação profissional para crianças órfãs, assim como pedagogos terapeutas como Itard, Séguin, Pestalozzi e Guggenbühl. Aqui surgiu um amplo campo, que se abriu para a humanidade apenas nos últimos 200 anos.

Mas afinal o que é educação terapêutica? Há um grande número de tentativas de descrever a ideia da educação terapêutica, ou melhor, defini-la.¹ O importante filósofo e pedagogo Eduard Spranger disse:

A educação deve manter saudáveis o corpo e a alma, no processo de crescimento daqueles de que se almeja cuidar. Já a educação terapêutica se empenha expressamente em fazer novamente saudável aquele que se encontra doente.

O grande veterano da educação terapêutica do início do século XX, o austríaco Theodor Heller, disse:

O campo de trabalho da educação terapêutica se estende sobre todas as anormalidades mentais que ocorrem na infância, para as quais se espera uma regulação das disfunções psicológicas através da criação de condições de desenvolvimento favoráveis, as quais precisam ser ajustadas a cada caso individual. Ou seja, não apenas os distúrbios da inteligência, mas também os da vida anímica e volitiva precisam de tratamento educacional-terapêutico.

E o autor do primeiro manual realmente abrangente de educação terapêutica, August Homburger, escreveu:

Educação terapêutica é a associação entre medidas de educação e ensino que visam a cura, recuperação e compensação de carências da saúde anímica. Toda educação terapêutica também parte do princípio que existem anomalias mentais de diversos tipos e intensidades, as quais necessitam de algo além das medidas educacionais e pedagógicas já consagradas e adaptadas a cada caso.²

A situação da educação terapêutica mudou enormemente desde que estas citações foram feitas. Ela se transformou de matéria secundária da pedagogia, pediatria e psiquiatria, em assunto central de muitos professores, médicos, assistentes sociais, psicólogos e psiquiatras. O extenso campo da psiquiatria infantil está em desenvolvimento, e os esforços educacionais-terapêuticos se espalham por todo o mundo civilizado. Em uma palestra na Semana Terapêutica de Karlsruhe, em 1958, eu defini a educação terapêutica como “prática e utilização dos conhecimentos desenvolvidos na psiquiatria infantil”.

E o pediatra e pedagogo terapeuta Hans Asperger escreveu na introdução de seu manual³ publicado há mais de dez anos, as palavras válidas ainda nos dias de hoje:

Nós queremos denominar educação terapêutica toda a ciência a qual, com base no conhecimento fundamentado na biologia acerca da formação de personalidades infantis anormais, procura acima de tudo por caminhos pedagógicos para o tratamento de deficiências intelectuais e mentais, distúrbios nervosos e anímicos da infância e adolescência. A condução correta do ser humano resultante do melhor conhecimento possível acerca dele mesmo permite, assim nós acreditamos, influenciar positivamente e de maneira decisiva as personalidades perturbadas.

E Asperger acrescenta ainda, justificando:

Este trabalho – não importa se sob a denominação ‘educação terapêutica’, ou sob outra – teve um aumento enorme nos últimos tempos, porque o que ele pretende foi reconhecido como uma tarefa especialmente urgente para nossa situação atual. Isto sem dúvida é consequência da crescente ameaça à individualidade humana assim como também à comunidade social, presente na vida espiritual de nosso tempo.

Ninguém poderia descrever melhor e mais nitidamente a tarefa especial da educação terapêutica em nossa época. As definições mencionadas anteriormente ainda eram abstratas e acadêmicas. Aqui, porém, irrompe a verdadeira tarefa da educação terapêutica como necessidade de nosso tempo. Esta atividade é justificada já nos dias de hoje, porque o ser humano – criança ou adulto – cada vez mais se encontra em uma situação particular, na qual ele precisa de orientação, condução e apoio.

Uma sociedade acostumada com o extremo bem-estar que começa a esquecer o que significa ser humano – uma humanidade obcecada por suas questões raciais e que ao mesmo tempo concebeu meios de destruição que podem fazer milhões de vítimas em poucos minutos – uma ordem social que esqueceu a ordem divina e procura por uma nova ética, agora sem Deus, não consegue mais achar – gera em seu seio um novo campo de trabalho: auxiliar os fracos, inválidos, intimidados, incapacitados e moribundos, para que eles possam resgatar sua condição humana.

Isto não é um grande milagre que se descortina diante de nós? Uma humanidade autodestruída cria em seu meio algo novo, um embrião capaz de crescer em meio à porção decadente de sua existência.

Nós precisamos compreender a ideia da educação terapêutica de forma suficientemente ampla, para fazer

jus à sua verdadeira definição. Ela não é somente a prática da psiquiatria infantil e o esforço pedagógico e psicológico em acolher crianças e adolescentes marginalizados pela sociedade e transformá-los em senhores. Ela quer atuar de maneira global, auxiliando a enfrentar a “ameaça à pessoa” presente em todos os lugares. A “postura educacional-terapêutica” precisa se fazer conhecer em todo o tipo de trabalho social, aconselhamento psicológico, acompanhamento de idosos, reabilitação de doentes mentais, assim como de deficientes físicos, no apoio a órfãos e refugiados, suicidas, desesperados, mas também nas organizações de paz e ajuda humanitária, e em todas as iniciativas semelhantes.

Esta é a única resposta que nós podemos oferecer hoje – na medida em que ainda queremos ser humanos – em contrapartida a uma humanidade à beira do abismo. Nenhum congresso filosófico, encontro internacional, retiro espiritual, ou conferência científica de grande porte poderá mudar alguma coisa nesta dança macabra. Nessas ocasiões, cada um quer apenas ouvir a si próprio e chamar a atenção para si – de acordo com a situação

Apenas a ajuda de ser humano para ser humano – o encontro de eu para eu – a consciência da individualidade do outro, sem questionar seu credo, ideologia ou posição política – mas simplesmente o olho-no-olho entre duas pessoas, cria uma educação terapêutica tal que pode enfrentar, de maneira sanadora, a ameaça ao mais íntimo da humanidade.

No entanto, isto só poderá ser efetivo quando considerado a partir de um conhecimento fundamentado no coração.

Esta perspectiva necessária não é fácil de ser compreendida, e mais difícil ainda de ser cumprida. Isto porque ela está relacionada à própria personalidade de cada um, e ao seu trabalho à luz da sua própria avaliação individual. Eu quero dizer o seguinte: precisamos aprender a nos reconhecer como educadores terapêuticos de tal modo que não somos somente quem conduz, mas também o conduzido – não apenas professores, mas ao mesmo tempo, alunos. Enquanto o médico apenas avaliar o paciente que o procura, e não enxergar a sua própria condição de paciente à luz da doença, ele permanecerá um mero curandeiro e charlatão.

Quantos psicólogos e psicoterapeutas consideram aqueles que eles analisam como sendo capim e erva daninha sem perceberem que eles próprios, mesmo que tenham passado por análise, não são flores, mas apenas parte do capim?

Pedagogos terapeutas e assistentes sociais sentem-se frequentemente superiores às crianças e aos seus pais. No encontro com deficientes físicos e mentais, com os que buscam ajuda e orientação, é fácil bancar o mais forte.

A atitude educacional-terapêutica só surge onde começa a crescer uma nova humildade no coração, a qual reconhece como irmão todo aquele que porta um semblante humano. Uma humildade ao mesmo tempo tão firme e carinhosa, que enche nossos olhos de lágrimas quando estamos em face à necessidade, à humilhação e ao sofrimento, e que torna forte e decisiva a nossa vontade de prestar ajuda ao necessitado. É com isto que estamos lidando.

Tais lágrimas nos fazem reconhecer imediatamente que eu só posso ajudar se eu estou disposto a enxergar no irmão aquele que ajuda, e eu mesmo como aquele que recebe a ajuda. Quando eu o ajudo, eu recebo ajuda. Quando eu o conduzo, ele me conduz. Quando eu o alimento, eu recebo o pão. Então só assim está a caminho de se tornar realidade a palavra do Evangelho que diz: “O que fizestes ao menor dos meus irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25, 46).

A educação terapêutica foi e é uma ciência em desenvolvimento; como tal ela pertence ao campo da psiquiatria infantil, com parte na pediatria, neurologia e psicologia.

Porém ela é também uma arte prática, que continua a crescer. Como tal ela tem sua parte na pedagogia, na educação especial, mas em muitas outras

áreas além destas, a saber: arte da fala, fisioterapia, eurtmia, eurtmia curativa, ensino de pintura, desenho e música, musicoterapia, terapia da fala, assim como todas as atividades manuais, como tecelagem, modelagem, escultura, e toda forma da assim chamada terapia ocupacional.

Em resumo, a educação terapêutica não é somente uma ciência, não é somente uma arte prática, mas também é uma *atitude humana*. Como tal, ela pode ser compreendida como um medicamento curativo, a ser usado contra todo tipo de ameaça opressora à pessoa humana. Portanto este é o destino de cada ser humano de hoje. Ir ao encontro do outro, ajudá-lo e ser ajudado, este é o sentido e o valor das ações educacionais-terapêuticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Hanselmann H. Grundlinien zu einer Theorie der Sondererziehung. Zürich: Rotapfel; 1941.
2. Homburger A. Psychopathologie des Kindesalters. Berlin: J. Springer; 1926.
3. Asperger H. Heilpädagogik. Wien: Springer; 1952.